



# IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

## “Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

### Cartografando o devir de cinco licenciandos de Matemática

SIMONE MOURA QUEIROZ

EIXO: 20 EDUCAÇÃO E ENSINO DE MATEMÁTICA, CIÊNCIAS EXATAS E CIÊNCIAS DA NATUREZA

De acordo com Rolnik, somos movidos pelo desejo, que resultam em escolhas, ocasionando uma rede de possibilidades, que os sujeitos dessa pesquisa se encontram. Em alguns momentos, eles afirmavam numa certeza impressionante o que queriam para si, para seu futuro, no momento seguinte não diziam mais com tanta convicção e ainda teve aqueles que noutro momento, após repensarem já haviam mudado de maneira espantosa o que desejavam para seu futuro. Utilizando como metodologia de pesquisa a Cartografia existencial, inspirada em alguns autores que compõe a Filosofia da Diferença, como Foucault, Deleuze, Guatarri, Rolnik e outros, apresentaremos trechos de uma tese de doutorado, em andamento, em que cinco licenciandos que trabalharam em um projeto de extensão, são cartografados, mediante a seus desejos relacionados ao futuro.

### Surfando com a Cartografia existencial

Para entender um pouco do que é *Cartografia*, andaremos por seus entornos, nos adentrando paulatinamente em seu interior, local onde existe uma diversidade rizomática de fatores importantes e essenciais para sua compreensão, que não possam ser/impossíveis de ser categorizados. Ponderamos ser necessário apresentar alguns conceitos importantes, baseados nas teorias de Foucault, Deleuze, Guattari, Rolnik, assim como Aganbem e outros que contribuirão com nossa excursão filosófica, antropológica, sociológica, educacional, antropofágica, enfim cartográfica. Entretanto, em vez de apenas apresentar a teoria que faz parte do que se denomina *Cartografia Existencial*, optei por tentar expô-la através de minha história com ela. Ou seja, como eu estou aprendendo a surfar (cartografar), simbolicamente.

Confesso que quando olhei para aquela prancha (a teoria) em minhas mãos, não tinha a menor ideia do que fazer com ela, nem o significado que eu daria àquilo, além da sensação de estranheza. Imaginem alguém que nunca viu o mar, de repente ter uma prancha nas mãos, era essa a minha sensação, pois até então não havia me adentrado na chamada filosofia da Diferença, muito menos aos teóricos que a compõem.

Foucault e seus estudos eram uma das partes que compunha minha prancha e eu aos poucos fui entendendo a prancha, a constituição dela, como se deu sua formação, os porquês de cada curva, assim como o de sua largura e altura, qual a utilidade do bico, a *rabera*, as quilhas, o que era o deck, o *botton*. Enfim, fui adentrando aos poucos nesse universo e ao mesmo tempo tentando observar o mundo a minha volta sob sua ótica.

Foi Deleuze, que denominou Foucault como o primeiro cartógrafo. Isso me animou. Um cartógrafo, um sufista. Não era só a teoria que iria me ajudar, mas o próprio sufista. O livro de Foucault mais conhecido “Vigiar e Punir” é uma cartografia da violência nas prisões.

Inspirada na escrita de “Vigiar e Punir”, arregacei minhas mangas, peguei minha prancha e fui conhecer o mar, que em brevemente eu surfaria. Senti a necessidade de explorá-lo, como Foucault o fez. Sendo o mar composto por um grupo de cinco licenciandos de um projeto de extensão. O foco de minha observação estava no devir professor deles. Meu movimento seria o da transversalidade, o de atravessar a onda, neste movimento, fugindo da categorização. Vestindo a camisa

Sabemos que para cartografar os sujeitos de um projeto de extensão, eu não entraria sozinho, pois carregaria comigo as minhas suas marcas[il] (ROLNIK, 2011). Sendo marcado com as afetações que chegam a você. Não tem como

separar o cartógrafo-pesquisador do sujeito além-pesquisa, pois eles se fundem, se emaranha de tal maneira que fica impossível dissociá-los. Falando de meus sujeitos, cartografando, estamos falando um pouco de nós mesmo.

Os filósofos da diferença primam pela diversificação das singularidades, observando a relevância de um acontecimento, que o torna único, rejeitando com isso a universalidade, a generalidade acentuada, presentes em algumas pesquisas, pois de acordo com Foucault negando o princípio fundamental da representação, é possível pensar a diferença, sua ideia era “mostrar às pessoas que um bom número de coisas que fazem parte de sua paisagem familiar – que elas consideram universais – são o produto de certas transformações históricas bem precisas.” (FOUCAULT, 2012, pp.288-289). As posturas, a maneira de agir/reagir e comportar-se, assim como discursos proferidos passam a fazer parte das paisagens (não sendo percebido os seus detalhes), tornando-se tão familiar, tão habituais, que não são mais percebidas, sendo esquecidas.

Com isso tentamos observar os detalhes, o que nos capturam, valorizando a experiência sensível, o que nos afeta e até mesmo faz reverberar nossas marcas, fugindo do enquadramento, da classificação. Buscamos surfar o acontecimento, em vez de irmos atrás de sua essência, observar a multiplicidade emergida da experiência (que é única e intrasferível), não da verdade única (sentenciada por alguém), queremos refletir sobre a “multiplicidade dos agenciamentos da subjetivação” (GUATTARI e ROLNIK, 2011, p. 40) dos sujeitos de nossa pesquisa. E que mesmo essa subjetividade sendo produzida socialmente, cada sujeito a apreende de maneiras distintas, possui sua singularidade, em meio à coletividade.

### **Metodologia**

Nesse movimento lutamos contra a tendência de “igualar tudo através de grandes categorias unificadoras e redutoras [...] que impedem que se dê conta dos processos de singularização” (GUATTARI e ROLNIK, 2011, p.48), tentaremos em nosso adentramento pelos territórios existências não ser esmagados pela tentativa de eliminação daquilo que nos surpreende, não minimizando, evitando com isso encaixá-los “nos registros de referências dominantes.” (GUATTARI e ROLNIK, 2011, p.52)

Assim como escapar da tendência social de “produzir uma homogeneização dos territórios” (ROLNIK, 2011, p.91). Pois, o sujeito vai se constituindo, na articulação de discursos e práticas (LAROSSA, 2004). Pois, “à medida que nos movemos para o horizonte, novos horizontes vão surgindo, num processo infinito.” (VEIGA-NETO, 2011, p. 26), essa ideia de Foucault nos remete à ideia do devir.

Nossa intenção não é padronizar, nem após produzir nossos dados generalizá-los, toma-los como um exemplo, um todo massificado, enraizado, nem muito menos alimentar a ideia de “se... então”, a nossa pretensão é de observar movimentos específicos, sabendo que é único (e não gerais, pois os personagens são múltiplos, assim como os dispositivos em que estão inseridos), e com isso tentar cartografar, usando a Filosofia da Diferença como lente.

Acompanhei durante seis meses o devir de cinco licenciando em matemática como professores, suas frustrações, seus sonhos, seus refazer-se, deixando-me conduzir pelo movimento, buscamos cartografar (FOUCAULT, 2011; DELEUZE, 2011; ROLNIK, 1989) aquilo que capturou o nosso olhar (o não dito, que não está oculto), e suas relações de forças (FOUCAULT, 2011), assim como os seus diferentes modos de subjetivações (FOUCAULT, 2010a; DELEUZE, 2011; ROLNIK, 1989).

Para isso utilizamos como recurso entrevistas e Mapas Narrativos (BURRIDGE, 2005; BEHNKEN, 2005) e assim como um cartógrafo da subjetividade buscamos desenhar paisagens psicossociais, conscientes que não há procedimentos nem regras, nem protocolos de pesquisa. Não sendo algo que se aplica, mas que se pratica. Como diz Rolnik (1989) levamos “no bolso: um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações - este, cada cartógrafo vai definindo e redefinindo para si, constantemente.” (p. 3).

O desenho de cada sujeito nos conduz a outros espaços, a entrevista, que seria pergunta/resposta toma outro rumo, ou seja, mesmo com um roteiro, cada pessoa nos faz adentrar em territórios distintos, nos conectando às suas marcas.

Nestes mapas narrativos, o sujeito submetido a ele, narra (e/ou explica) não apenas o que está desenhado, os elementos destes, assim como também expõe o que julga ser necessário para compor aquelas imagens, sua fala e gestos se conectam com os mapas, preenchendo os espaços vazios deixados por eles. Com isso, são produzidas narrativas que podem tanto os afastam como os aproximam do que já foi terminado (o desenho), permitindo-o caminhar de acordo com seus desejos.

Com isso, através dos discursos, das linhas de enunciação observadas, carregadas de verdades, estando esta verdade “circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e a apóiam, e a efeitos de poder que ela induz e que reproduzem”. (FOUCAULT, 2010b, p.133). Sendo estas verdades produzidas nos diversos territórios (dispositivos) habitados pelos sujeitos, tornando-o múltiplo, inclassificável, singular, aos poucos fomos tecendo uma imagem daquele sujeito para nós. Observando seu o entorno, aos poucos tínhamos uma ideia, mesmo que anuviada, de composição, do entorno daqueles sujeitos, lembrando que ele estava sendo o que observávamos naquele instante, não tomando aquele

aspecto como algo definidor do sujeito, fugindo do enraizado “ele/ela é isso”.

Fazendo conexões, com outras fontes de análise como notas de campos, provinda de nossas observações das aulas presenciais, em que se observava a postura dos licenciandos relacionada ao ensino de Matemática, como dos alunos em seu processo de revisitação a alguns conteúdos já vistos, aprimorando sua aprendizagem. Enriquecendo o momento em que os mapas narrativos estão sendo constituídos.

Outro fator importante neste tipo de pesquisa é que não existe “A” entrada, assim como a ausência de “A” saída é algo presente. É como subir em um trem em movimento. Podemos descer em qualquer parada, não temos um tíquete, apresentando a origem e o destino. Apenas subimos nele, sem a obrigação de descermos na estação apresentada nele. Estamos cientes que em breve defenderemos a tese, e que esse poderia ser “A” saída, “O” fim, poderíamos com isso estagnar o movimento, todavia mesmo descendo numa estação específica, podemos nela mesmo subir noutro trem. Somos nós que estamos em movimento. Assim como, temos a possibilidade de pegarmos o mesmo trem quantas vezes o nosso desejo nos conduzir a ele, entretanto para nós esse “mesmo” trem, é como mencionado por Heráclito de Éfeso (aproximadamente 535 a.C. - 475 a.C.) que o rio é aparentemente o mesmo (como o trem), porém nós não somos os mesmos e nem as águas em que adentramos é a mesma.

### **Cartografando o movimento**

Temos a seguir projeções de um futuro, que no momento da entrevista, era o que pulsava em nossos sujeitos. O desejo de outrora, que hoje pode não ser o mesmo.

A seguir apresentaremos algumas interpretação/narrativas dos sujeitos, sem o acréscimo dos mapas (desenhos):

Sujeito 1 - Seu fim seria com uma boa aposentadoria, morando em um sítio. Anterior a isso iria trabalhar feliz na UFPE/CAA com os dizeres “Antes era aluno hoje prof.”, moraria numa casa no centro da cidade, onde constituiria sua família e viveriam em paz.

Sujeito 2 - Almeja constituir uma família e ter condições de comprar uma casa para morarem.

Sujeito 3 - Morar numa casa com a mãe e o marido. Um caminho brilhante conduzindo à UFPE/CAA, onde gostaria de ensinar. “Lá os alunos vão para aprender.”

Sujeito 4 - Morar no sítio longe de tudo, já com a aposentadoria, quanto aos filhos eles morariam na cidade.

Sujeito 5 - Ensinar numa universidade, não necessariamente uma pública, pois acha que assim a vida seria mais tranquila, sem muitas exigências. Diz que o que quer é se divertir ensinando e ganhando bem. Mencionou que gostaria de ter uma “casinha” e encontrar alguém para casar e terem filhos.

A ideia de constituir uma família faz parte do desejo que todos possuem em relação a o que lhes seria um futuro apraz. Assim como a ideia da morada. Dos cinco, três frisaram o desejo ministrar no Ensino Superior, um deles almejando as faculdades particulares, por serem mais fáceis e ganhar mais. Esses ao ser perguntado, o porquê do Ensino Superior, em vez do Básico, dois deles disseram preferirem devido a falta de interesse dos alunos dos colégios, pela experiência como estagiários, no Projeto de Extensão e um deles por já lecionar. O outro optou por deduzir ser esta uma vida boa, com pouco trabalho, comparada a outros profissionais com os quais convive.

O ato de lecionar, de ser professor, brilha nos olhos desses três licenciandos, assim como em um sorriso, ao mencionarem o prazer que sentem ao se imaginarem ministrando aulas no curso superior. Dois deles disseram preferirem lecionar disciplinas de Matemática pura, por serem mais fáceis, um disse que o faria de maneira diferente como os professores deles fazem, buscando aproximar mais o conteúdo dos alunos, para que eles aprendam, em vez de apresentarem os conteúdos de “qualquer jeito”. Outro disse que não gostaria das disciplinas de Educação Matemática, por serem mais complicadas, com muitos textos para ler, tendo que ensinar os licenciandos a fazerem isso, além disso, mencionou que “os professores das disciplinas de Cálculo e Cia são mais respeitados.” Passando-nos a ideia, que este respeito advém do clima de medo gerado nestas disciplinas, levando os licenciandos a projetarem seus professores das Ciências Exatas do Ensino Básico, neles, criando com isso o mesmo receio e temor, diante de alguns procedimentos (exemplos, exercícios, demonstrações, problemas,...) algumas vezes difíceis de compreender à primeira vista.

Um terceiro, contrariando os dois anteriores mencionou que todos os professores para ensinar no curso de Licenciatura em Matemática deveriam ter feito licenciatura, pois precisariam ter contato com disciplinas como Estágio, Didática, Metodologia, dentre outras vistas durante o curso mencionado, assim como com a educação do Ensino Básico. Entrando eles em um grande dilema, que faz parte de discussões anteriores a eles. Devido a isso, preferia ensinar as disciplinas de Educação Matemática, na intensão, de ensinar seus alunos a ensinar.

Enquanto os três debatiam sobre a melhor maneira de ensinar, tanto em particular (anterior ao momento em grupo), como quando estavam juntos, os outros dois entraram na discussão apenas quando nos reunimos, expondo sua opinião semelhante ao terceiro sujeito apresentado.

Os dois, que não mencionaram trabalho ao desenharem ou falarem a respeito do seu futuro, em vez disso expuseram o

desejo de terminar a vida bem. Um deles deseja ter condições de construir uma casa, em que moraria com a família, o outro sujeito deseja estar em paz no sítio, com os filhos morando longe, ou seja, sem problemas aparente. Cuidando dos afazeres domésticos e quando almejar passear pela cidade e visitar os filhos, isto se os tiver antes dos 30, pois depois dessa idade se torna avós em vez de pais, por estarem muito velhos para criar alguém. A profissão para esses é um meio para um fim outro. Não sendo a profissão de professor, algo que idealizam quando se projetam em um futuro longínquo, o que os levou à escolha do curso, foram motivos outros, que vão além do ser professor. Eles, no momento que foram feitas as entrevistas e mapas narrativos, não demonstraram ser essa a profissão almejada, mas algo interessante, que poderiam se adaptar, por terem gostado das poucas experiências que tiveram em sala de aula, durante o projeto e nos estágios obrigatórios, tendo como foco algo além e não a educação em si. Voltamos a destacar. Essa visão dele, que foi captada e capturada, condiz com um momento específico da vida deles. E como falado anteriormente imprevistos acontecem. Estamos sempre nos constituindo, sempre “sendo”, com o verbo “ser” no infinitivo. Nosso processo de feitura nos acompanha até deixarmos de ser.

- BEHNKEN, I. Mapas Narrativos: um procedimento para reconstruir espaços de vida atuais e biográficos. In: IV Fórum de Investigação Qualitativa. *Anais...* Juiz de Fora: FEME, 2005.
- BURRIDGE, Stephanie. *Narrative Mapping: a methodology for teaching and learning (dance)*. (Redesigning Pedagogy; Research, Policy, Practice, CDR Rom, 2005).
- Deleuze, G. *Foucault*, São Paulo: Brasiliense, 2011.
- FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2010b.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: História da violência nas prisões*. 39 ed. Tradução R. Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 2011.
- FOUCAULT, M. *Ditos e escritos V: ética, sexualidade e política*. 3 ed. Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 2004, p.35-86.
- ROLNIK, S. *Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil*, 1989.
- ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: UFRGS, 2011.
- VEIGA-NETO, A. *Foucault e a educação*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

[1] Um pouco mais sobre marcas... Devido às “incessantes conexões que vamos fazendo” (ROLNIK, 1993, p.3), são as marcas que nos movimentam, e por não seguir mais uma sequência temporalmente linear, podendo, por exemplo, caso queira reviver seu passado, alterá-lo, pois este também não é estático, modificando a relação que mantém com suas marcas, conseqüentemente sendo conduzido para um devir-outro. “Enquanto estamos vivos, continuam se fazendo marcas em nosso corpo. Mas também por uma razão menos óbvia: é que uma vez posta em circuito, uma marca continua viva, quer dizer, ela continua a existir como exigência de criação que pode eventualmente ser reativada a qualquer momento. Como é isso? Cada marca tem a potencialidade de voltar a reverberar quando atrai e é atraída por ambientes onde encontra ressonância (aliás, muitas de nossas escolhas são determinadas por esta atração). Quando isto acontece a marca se reatualiza no contexto de uma nova conexão, produzindo-se então uma nova diferença.” (ROLNIK, 1993, p. 2)

[1] Doutoranda em Educação Matemática pela UNESP-Rio Claro, professora assistente da Licenciatura em Matemática da UFPE/CAA - Caruaru. E-mail: [simonemq35@gmail.com](mailto:simonemq35@gmail.com)

Recebido em: 31/05/2015

Aprovado em: 12/06/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: